Grupo nº 93 de AEP
R. João de Deus nº 2

SEMPRE PRONTO

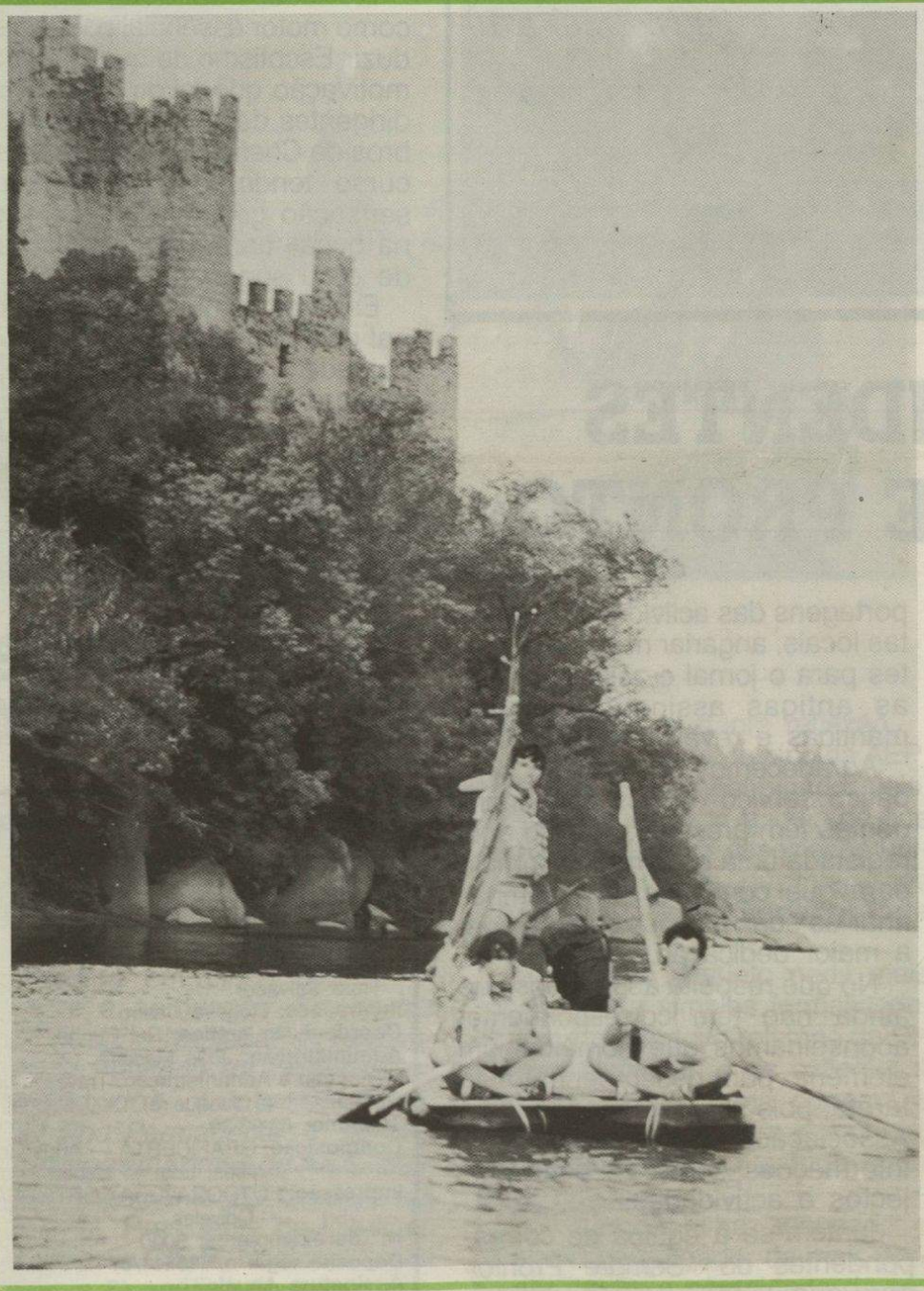
PORTE PAGO

ANO XLII

N.º 493/FEVEREIRO/1987

Esc.: 80$00

Orgão Oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal



ABC
EXPEDIÇÕES FLUVIAIS

CONF. NACIONAL SAIU A NOVA EQUIPE

NESTA EDIÇÃO:

■ **CONFERÊNCIA NACIONAL**
(Reportagem e Entrevistas)

■ **ABC DAS EXPEDIÇÕES FLUVIAIS**
Págs. 7/8/9 e 10

■ **ASSOCIAÇÃO**
Pág. 14/15

CORRESPONDENTES DO «SEMPRE PRONTO»

Os repórteres do nosso Órgão Oficial são frequentemente assediados por protestos dos mais diversos grupos que não vêm publicados no «Sempre Pronto» notícias sobre as suas actividades mais importantes. A razão porque isto sucede é óbvia: por mais que nos esforcemos o «Sempre Printo» não pode adivinhar quando, como e onde é que os grupos têm actividades.

No entanto, como é sabido, a equipa redactorial do nosso Mensário Escoteiro pretende dinamizar a divulgação das actividades escotistas, dando à nossa Associação a informação que merece. Esta tarefa só poderá ser levada a cabo com resultados satisfatórios mediante a colaboração activa e interessada dos correspondentes que, como é sabido, são os representantes do «Sempre Pronto» ao nível dos grupos de escoteiros, estando encarregues de realizar reportagens das actividades escotistas locais, angariar novos assinantes para o jornal e zelar para que as antigas assinaturas sejam mantidas e revalidadas a tempo.

Agradecemos, portanto, o simpático serviço que os correspondentes têm prestado, ficando aqui registada uma palavra de estímulo para que continuem a desempenhar as suas funções sempre com a maior dedicação.

No que respeita aos grupos que ainda não têm correspondente, aconselhamos que nomeiem um elemento para desempenhar esta tarefa, pois só deste modo toda a Associação poderá ter acesso a informações sobre os seus projectos e actividades.

Juntem-se à equipa de correspondentes do «Sempre Pronto» para que, todos juntos, possamos fazer do jornal um melhor espaço de divulgação e troca de ideias ou projectos!

1.º CIEREGEST

Realizou-se nos dias 10 e 11 de Janeiro o 1.º Curso de Iniciação Escotista da Região Estremadura que decorreu nas agradáveis instalações do Centro Comunitário de Carcavelos.

Este curso foi ministrado pelos escoteiros-chefes João Madeira, Manuel Caramelo e Vítor Santos, insígnias de madeira ao serviço da equipa Nacional de Formação.

A necessidade da formação como motor essencial para se produzir Escotismo de qualidade foi a motivação que levou caminheiros, dirigentes de divisões e até membros da Chefia Nacional a tirar este curso tendo, no final, ficado a sensação generalizada de «água na boca» para formação escotista de grau superior.

Esperemos que a Equipa Nacional de Formação possa dar continuidade a esta feliz iniciativa de modo a permitir uma elevação do nível pedagógico e técnico do Escotismo que se pratica na nossa Associação.



Propriedade dos Escoteiros de Portugal

Director: Dr. Nélson Pinto Horta
Chefe de Redacção: Ricardo Coimbra
Colaboradores:
Augusto Marreiros
José Miguel
Paulo Marques
Rute Salvador
Ilustrações: Rogério Castro
Coordenação gráfica: Rui Cunha
Administração: João Madeira
Redacção e Administração: Travessa das Galeotas, 1 (à Junqueira) 1300 Lisboa
Telefone: 63 93 39
Composição: GRAFICERTA — Artes Gráficas, Lda. — Lisboa
Impressão: FOTOGRAVURA CORTE REAL — Odivelas
N.º de exemplares: 5000
Depósito legal n.º 15511/87
Assinatura Anual:
Ordinária — Esc.: 480$00
De patrocínio — Esc.: 750$00
Despesas de cobrança — Esc.: 100$00
Espanha e países de África de expressão portuguesa — Esc.: 550$00
Outros países — Esc.: 900$00 (U.S. $5,50)

XXI.ª CONFERÊNCIA NACIONAL

SAIU A NOVA EQUIPA...



■ *Mesa da XXI Conferência Nacional*

Mais do que formalidades associativas, tais como aprovação de contas ou relatórios, foi o que nos proporcionou esta XXI.ª Conferência Nacional de vital importância, esta conferência certamente que enredou os mais próximos observadores em real espectante.

Dividida em cinco pontos; 1) *Análise e aprovação das contas da Direcção Nacional*; 2) *Aprovação do relatório da Direcção*; 3) *Eleição dos membros para o Conselho Permanente*; 4) *Eleição dos cargos máximos da ASSOCIAÇÃO:* Presidente da Conferência Nacional, Presidente da Direcção Nacional e Chefe Nacional e por último a 5) *análise de necessidade de alteração dos estatutos e como fazê-lo*, a conferência foi levada a termo com grande serenidade, deixando, contudo em aberto questões fundamentais, susceptíveis de bastante reflexão.

Iniciada ao som do hino da AEP, que um pouco destreinado, veio, contudo, a reforçar a ideia de que devemos ser uma associação unida e desprovida de interesses pessoais, digna servidora da juventude.

O primeiro assunto nada mais foi que uma simples formalidade. Aprovado que foi o relatório da Direcção Nacional, é de salientar a importância da forma correcta e precisa como este fora elaborado, não obstante não havendo qualquer crítica.

O segundo tema agendado e também perpetuador da mais profunda calma e serenidade da assembleia, o relatório da Direcção Nacional, apresentou-se-nos optimista e encorajador mas atento às deficiências existentes no seio da AEP, incidindo sobretudo nas estruturas que por vezes dificultam um bom funcionamento. Está claro que, em período cessante, esta Direcção Nacional não deixou de referenciar através do relatório aquilo que mais marcou o mandato de três anos: DIFICULDADES MUITAS! MAS ENCARADAS COM BOA VONTADE E FIRMEZA!

O terceiro ponto da ordem de trabalhos, foi também rápida e sem gerar grandes problemas de salientar a falta de resposta de algumas regiões na eleição dos respectivos candidatos para o Conselho Permanente. As listas propostas foram, contudo, suficientes para preencher este órgão Associativo, acima da margem mínima.

Antes de se entrar no assunto 4, a eleição dos cargos máximos da AEP, todos convictos que se iria apenas gerar um debate sobre as várias candidaturas, eis que surge, e julgamos muito oportuna, uma matéria, que muitas vezes somos vítima dela: A concorrência com o Corpo Nacional de Escutas, e a posição da AEP no respeitante à religião e o escotismo.

Foi pois um assunto, em jeito de questão aos vários candidatos que gerou um debate de interesse em que foram salientados algumas irregularidades que, parece-nos tornam de vital importância a sua abordagem.

Alguns grupos da AEP são alvos de severas críticas, acusados em público, por assim dizer, durante cerimónias religiosas, de serem membros de uma associação prejudicial aos jovens. Este espírito crítico está bem patente naquilo que por exemplo, foi dito em 1 de Fevereiro numa homilia e que passamos a citar:

> «Só o CNE faz o verdadeiro ESCOTISMO, porque a outra tal associação não forma jovens, porque adora Alá e Jeová e por isso os vossos filhos não podem segui-lo, o que a fazê-lo só teriam como recompensa o inferno.
> Os jovens que o seguirem são iguais a Judas, que matou Cristo e por isso estes não merecem ser seguidos.»

Alguns grupos detentores de boas relações com os agrupamen-

tos vizinhos ignoravam o problema, outros porém e possivelmente aqueles que mais são atingidos contestaram uma posição firme da AEP perante o problema.

Sem dúvidas, no entanto, ficamos ao termos consciência de que os princípios que regem a AEP, quer de natureza religiosa quer de natureza ética e moral serem totalmente transparentes e formal antítese a essas críticas formuladas. Resta, contudo, salientar que em troca de críticas como esta há que nem lhes apurar o sentido e apenas reforçar a AEP com uma imagem digna e assente na sua própria qualidade.

A apresentação de candidaturas teve de ser adiada para domingo de manhã, uma vez que este polémico assunto excedeu largamente o tempo que estava previsto.

Projectos de Formação Nacional e infra-estruturas várias foi um pouco de cada manifesto de candidatura. Está claro que a uma direcção caberá um papel administrativo, dentro do âmbito dessas propostas. Ouvidos os candidatos e realizado um pequeno debate de esclarecimento sobre os manifestos, foi realizada a votação.

Para o cargo de Escoteiro Chefe Nacional, entre os dois candidatos, o EC Rui Fonseca (até então Chefe Nacional em exercício) foi substituído pelo EC Victor Santos, dirigente do Grupo 16 de Carcavelos e Tesoureiro Nacional Adjunto.

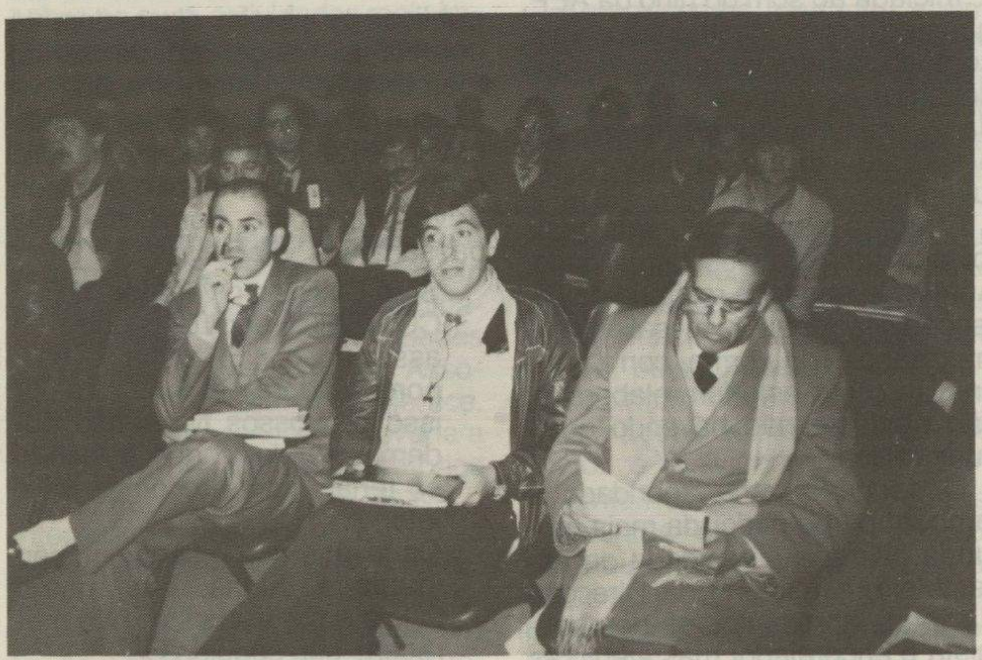


■ *EC Rui Fonseca discursando*

Para Presidente da Direcção Nacional, o único candidato José Rafael Baudoin, veio com a eleição do EC Victor Santos, satisfazendo assim uma condição essencial para a sua reeleição, a perspectivar por mais três anos o seu serviço à Associação.

Por fim, para presidente da Conferência Nacional, o tembém, único candidato Duarte Gil Mendonça ficou eleito.

O quinto assunto, revisão dos estatutos, devido à eminente falta de tempo ficou um ponto inexplorado, foram, entretanto, ainda abordados alguns assuntos importantes, tais como a periodicidade das Conferências Nacionais, que se pretende ver realizadas de 3 em 3 anos em confronto com a versão actual que é uma vez por ano.



■ *A Nova Equipe Nacional constituída pelo Duarte Mendonça, Victor Santos e Rafael Baudouin*

UM ENCERRAMENTO À ALTURA!...

A fim de homenagear os grupos com mais de 50 anos de serviço à Associação, sem interrupções, foram agraciados os grupos com a «Liz de Prata», a mais alta condecoração associativa, outras «Liz de Prata» foram entregues a alguns antigos escoteiros da Associação e que sem dúvida são dignos de a usar.

GRUPOS DISTINGUIDOS COM A «LIS DE PRATA»

1 - 2 - 4 - 6 - 7 - 9 - 41 - 44 - 60 - 84 - 91 - 93 - 93

INDIVIDUALIDADES DISTINGUIDAS

- Eng.º MANUEL LOPES PEIXOTO
- E. C. ALBERTO JOSÉ TEIXEIRA
- Eng.º JOSÉ MARIA NOBRE DOS SANTOS

Seguiu-se então e com grande desenvoltura um espectáculo de variedades, abrangendo várias áreas musicais, onde os escoteiros mais dotados artisticamente deram o seu contributo a fim de engrandecer a festa final que foi presenciada pelo Secretário de Estado da Juventude e outras individualidades que nos deram o prazer de nos acompanhar na despedida. Em conclusão e com grande orgulho: correu bem, foi produtiva e dignificará o bom nome da AEP, esta XXI.ª Conferência Nacional.

Após ter agradecido a presença do Senhor Secretário de Estado da Juventude, do representante do Sr. Director do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (F.A.O.J.), do Sr. Coordenador do Conselho Nacional da Juventude, da representante da Associação de Guias de Portugal, e dos Antigos Escoteiros, o nosso Presidente, José Rafael Baudouin, proferiu o seguinte discurso:

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Irmãos Escoteiros:

«Encerrados que foram há momentos os trabalhos da nossa XXI Conferência Nacional de Dirigentes, e comemorando os 75 anos de Escotismo no nosso País, de que a Associação dos Escoteiros de Portugal se sente legitimamente orgulhosa e feliz, não quis a Direcção Nacional da A.E.P. deixar de aproveitar esta ocasião para, vincadamente, prestar-se homenagem a todos os Grupos que ao longo de mais de 50 anos têm tido uma actividade ao serviço dum ideal a que algumas gerações se consagraram por completo, dando o melhor do seu esforço, das suas energias, mesmo até da sua abnegação.

Naturalmente que não caberá aqui e agora fazer o historial de cada um dos Grupos abrangidos por tal homenagem, mas tão-somente, numa perspectiva globalmente associativa, exteriorizarmos a nossa felicidade pela sua longevidade ao serviço do Movimento Escotista, de que a nossa Associação de Escoteiros de Portugal foi a pioneira no nosso País!

É ainda, afinal, uma merecida homenagem a quantos, dedicada e responsavelmente, foram ao longo de 75 anos o garante de cada momento de vida dos nossos Grupos de Escoteiros, quantos quedando-se praticamente no anonimato, quer aqui em todo o Continente, quer na Madeira e nos Açores.

É, finalmente, uma homenagem que não deixará de despertar, ou melhor, de reforçar o interesse e compromisso dos actuais jovens Escoteiros no trilhar duma vida que, futuramente, e como dirigentes, continuará a obra que os nossos «antigos» construíram e preservaram.

Estão aqui presentes — e sentimo-nos muito felizes e honrados por isso — alguns daqueles que, juntamente com outros infelizmente já desaparecidos, contribuiram decisivamente para o constante crescimento da Associação dos escoteiros de Portugal. A nossa homenagem, como não podia deixar de ser, é também para eles.

Não queremos também esquecer e saudar todos quantos compõem as Direcções dos nossos Grupos de Escoteiros espalhados pelo País, muitos deles com trabalho reconhecidamente valioso e imprescindível para a continuidade.

Às muitas autarquias que têm apoiado de forma carinhosa e efectiva todos os nossos Grupos, e às entidades oficiais com quem a Direcção Nacional tem estado em contacto, nomeadamente Secretaria de Estado da Juventude e Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, e que à A.E.P. têm dispensado o seu apoio e simpatia, não pode deixar de ir o nosso sincero obrigado.

A todos os nossos jovens Escoteiros quero, finalmente, endereçar a minha mensagem de confiança nas suas inesgotáveis possibilidades para a contribuição duma sociedade que se pretende cada vez mais cheia de solidariedade humana e em Paz.

Para um futuro que hoje mesmo começa, vocês, jovens Escoteiros, têm uma acção importante a desempenhar. E não esqueçam a última mensagem do nosso fundador Baden Powell: «— Mas o melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o Mundo um pouco melhor de que o encontraste e, quando vos chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçaste o tempo e fizeste todo o possível por praticar o bem. Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes, apegai-vos sempre à vossa promessa escotista mesmo depois de já não serdes rapazes e Deus vos ajude a proceder assim. —»

Em nome da Direcção Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal a que tenho a honra de pertencer e presidir, faço aqui a promessa de que tudo continuaremos a fazer para o bem da nossa juventude, para bem da sociedade portuguesa.

Assim nos ajudem também.
Obrigado a todos.»

« Uma merecida homenagem a quantos, dedicada e responsavelmente, foram ao longo de 75 anos, o garante de cada momento de vida dos nossos Grupos de Escoteiros.»



RAFAEL BAUDOIN, – entrevista para o «SEMPRE PRONTO»

Que factores concorreram para a sua reeleição?

— Bom, como tive ocasião de afirmar oportunamente, sinceramente que não vinha a admitir a hipótese de uma recandidatura! Uma vez alcançada a estabilização financeira, e não só, da nossa Associação, e o facto de me sentir extremamente cansado por três anos de muitas preocupações e trabalho em condições bastante difíceis, não estava realmente virado para a recandidatura. Todavia, principalmente devido às insistências de inúmeros Companheiros que me vinham manifestando a sua confiança e o desejo de que eu me recandidatasse e, por outro lado, não terem sido alcançados alguns dos objectivos que considero imprescindíveis para um verdadeiro desenvolvimento da nossa A.E.P., decidi, após uma profunda reflexão, apresentar a minha recandidatura, garantidas que foram algumas condições.

Como por exemplo?

— Olhe, conforme o referi, quer no «Manifesto» que tive ocasião de subscrever, quer na própria Conferência, o tão desejado desenvolvimento passa incontestavelmente pela existência duma forte Chefia Nacional, a qual tem que ter, naturalmente, um bom Chefe Nacional! Era para mim importante, direi mesmo, imprescindível, haver alguém que se candidatasse a Chefe Nacional e que reunisse as condições que eu entendo necessárias para tão difícil cargo. Daí que eu tivesse desafiado o Companheiro Vítor Santos, o homem que considero neste momento indicado para aquele lugar. E só com ele decidi avançar.

E mais do que as palavras que pudesse aqui referir sobre a sua personalidade de cidadão e Escoteiro, esperemos agora o seu trabalho que, estou convencido, irá desenvolver positivamente. Claro que terá de ser ajudado. Temos todos que trabalhar para colocar a Associação dos Escoteiros de Portugal no lugar que lhe compete, prestigiada e dignamente no topo! Tudo terá de passar por muito trabalho, muita dedicação, e sobretudo por muito espírito de Patrulha . . .

Em termos de composição da Direcção Nacional, quais as funções que merecem neste momento as preocupações do Sr. Presidente?

— Bem vê, tudo tem que correr perfeitamente. Para além de mim próprio como Presidente, e do Chefe Nacional, todos os restantes cargos terão de funcionar com competência e dinamismo. As Relações Públicas, por exemplo, tem de desenvolver, uma vez por todas, um trabalho muitíssimo importante, bem concebido, quanto à imagem divulgadora da nossa Associação!

Para responder concretamente à sua pergunta, dir-lhe-ei que tudo, mas mesmo tudo, me preocupa. Os serviços administrativos terão que sofrer uma certa reestruturação; o S.M.U. terá que ser desenvolvido, inclusivamente ficar activo para lá das dezoito horas, por razões óbvias; o sector gráfico terá indispensavelmente de ser melhorado materialmente, ao ponto até de podermos vir a fazer dentro da própria Associação o nosso «Sempre Pronto»!

Sabemos ser uma preocupação do Senhor Presidente que a A.E.P. venha a ter proximamente uma sede própria. Como vão as coisas nesse sentido?

— É verdade. E havemos de o conseguir! Mas por agora apenas lhe direi que as diligências quanto a esse grande objectivo, e que foram iniciados há relativamente pouco tempo, irão prosseguir. Será um assunto sobre o qual a nova Direcção Nacional se irá debruçar com muito entusiasmo.

E quanto ao P.N.E.C.?

— Como sabe, o nosso Parque Nacional de Escotismo precisa de levar uma grande «volta», sob vários aspectos. E vai levar mesmo! Já conversei muito sobre ele com o Chefe Nacional Vítor Santos. Estamos perfeitamente de acordo com a dinâmica a imprimir ao Parque. Tenho a certeza que a Chefia Nacional vai agarrar bem o problema.

O que pensa o Senhor Presidente sobre o papel que os Antigos Escoteiros poderão ter no projecto de desenvolvimento que preconiza e prevê para a nossa Associação?

— A nossa Fraternal dos Antigos Escoteiros poderá ter uma missão muitíssimo importante. Aliás, basta reparar nos objectivos para que foi criada e nenhuma dúvida pode subsistir. De resto, em duas reuniões já efectuadas com a nova Direcção da F.A.E.P. ficou patente quanto de útil será a sua acção quanto aos objectivos que já enunciei. Devo até acrescentar que pela desenvoltura de trabalho que a actual Direcção da Fraternal está já a demonstrar, auguro um bom futuro para aquele nosso Órgão dos «Antigos», facto de que beneficiará naturalmente o nosso Movimento.

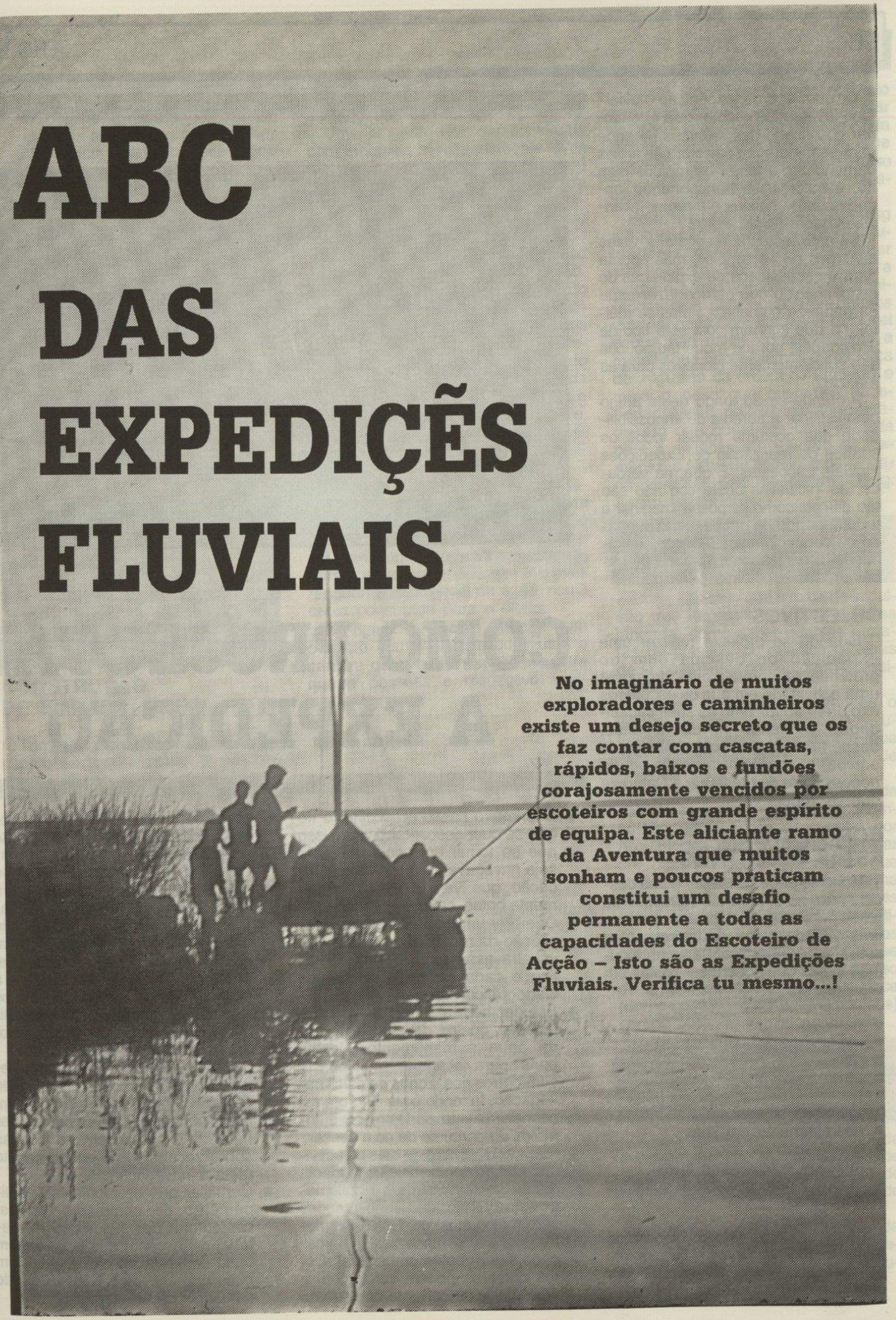
Senhor Presidente, a terminar esta curta entrevista deseja endereçar alguma mensagem especial?

— Concerteza que sim. Realçarei, antes do mais, que o progresso da Associação dos Escoteiros de Portugal passará necessariamente pelo trabalho interessado de todos nós. Torna-se indispensável que sejam ultrapassados obstáculos de ordem pessoal, que todos dêem as mãos como verdadeiros Escoteiros.

Julgo ser incontroverso que a mediocridade e a indisciplina não podem ter lugar numa Instituição como a nossa que se pretende cada vez mais evoluída, dignificada, tecnicamente à altura da sua missão!

Como Presidente da nossa Associação resta-me confiar nas reais capacidades que felizmente existem no nosso Movimento e que irão por certo ficar disponíveis para a prossecução dos nossos objectivos. Espero bem que sim.

ABC DAS EXPEDIÇÕES FLUVIAIS



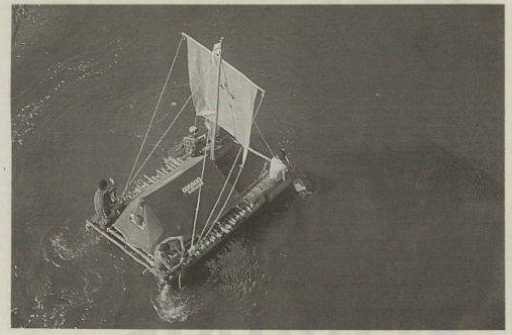
No imaginário de muitos exploradores e caminheiros existe um desejo secreto que os faz contar com cascatas, rápidos, baixos e fundões corajosamente vencidos por escoteiros com grande espírito de equipa. Este aliciante ramo da Aventura que muitos sonham e poucos praticam constitui um desafio permanente a todas as capacidades do Escoteiro de Acção – Isto são as Expedições Fluviais. Verifica tu mesmo...!

COMO PROJECTAR A EXPEDIÇÃO

O que é uma expedição fluvial? Que leva certos escoteiros a abandonar o sossego das reuniões na sede para se meterem a patinhar nas areias pantanosas, a temer os rápidos dum rio, a esforçar-se transportando jangadas sobre baixios e a remar incansavelmente horas a fio?

Seguramente, a resposta a estas questões não é simples, mas aponta para a necessidade de exploração do desconhecido que parece fazer parte da natureza humana . . . Mas se muitos há que sonham com este tipo de actividades, porque é que tão poucos são suficientemente pioneiros para as realizar?

Pretende-se ao longo deste artigo desmistificar a auréola de impossibilidade que costuma rodear todos os sonhos de realização de Expedições Fluviais Escotistas. É que, na verdade, as iniciativas deste tipo não são tão difíceis como se possa imaginar e tudo depende de um pequeno punhado de conhecimentos teóricos, imaginação, organização e vontade de trabalhar dos escoteiros participantes.



OBJECTIVOS

Quando se projecta realizar uma expedição de descida dum rio pretende-se normalmente promover uma actividade em que os escoteiros explorem ao máximo as suas capacidades vencendo novos desafios, despertando o gosto pelo trabalho de equipa e consciencializando-se da necessidade de preservar a Natureza que os rodeia.

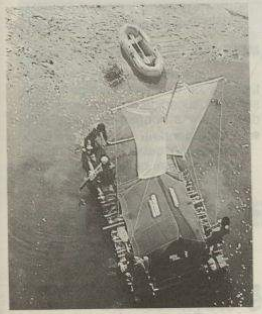
COMO ESTES ESTES OBJECTIVOS

Muito se pode conseguir numa descida num rio e, para tal, basta que os participantes sejam postos perante uma variada gama de interessantes actividades. Aqui ficam apenas algumas ideias que podem ser postas em prática:

- natação
- exploração subaquática
- pesca
- remo
- escalada de castelos ou paredes rochosas sobranceiras ao rio
- acampamento em ilhas
- observação de aves e outros animais do ecossistema fluvial
- estudo e participação nas colheitas ribeirinhas.

Deste modo, o esforço dispendido numa expedição fluvial é largamente compensado por um enriquecedor contacto com a Natureza.

- O primeiro passo é escolher o rio que se quer descer tendo para isso que se tomar em conta que este seja navegável pelo tipo de embarcação que vamos usar (normalmente botes, canoas ou jangadas).
- Comprar um mapa de grande ampliação da região que a expedição vai atravessar (no Instituto Geográfico e cadastral ou nos Serviços Cartográficos do Exército).
- Estudar bem a região de modo a detectar postos de abastecimento de água e mantimentos, locais bons para acampar, confluência com outros rios, zonas de difícil navegação, fazendo para isso um reconhecimewnto pedestre ou automóvel do percurso de rio a descer.
- Planear o número de dias da actividade tendo como velocidade média diária um mínimo de 10 quilómetros (no caso das embarcações serem jangadas) ou de 20 quilómetros por dia (no caso das embarcações serem botes ou canoas). Estes números podem variar com a velocidade da corrente de cada rio mas dependem essencialmente dos escoteiros remarem ou não. Se os participantes quiserem deixar-se levar pela corrente é óbvio que nunca poderão esperar obter grandes médias de velocidade diária.
- Escolher um grupo expedicionário em que todos os escoteiros saibam nadar e no qual haja, pelo menos, um em cada embarcação com a insígnia de socorristas. Embora os nossos rios não sejam, na generalidade, muito perigosos, é melhor precaver sempre os acidentes.
- Após constituído o grupo da expedição, realizar provas práticas de natação e remo em piscina ou em rio. É também bastante útil realizar na sede do grupo provas teóricas sobre vocabulário e conhecimento úteis à navegação.
- Certificar que os tripulantes, equipamento de campismo, remos, contentores de água (e demais material necessário) que viajarem em cada embarcação não tenham um peso que exceda a capacidade de flutuação da embarcação.
- A alimentação deve ser estudada em detalhe. É necessário cozinhar refeições energéticas que auxiliem o organismo na actividade física diária e também é preciso ter em atenção que a comida deve ser rápida e facilmente digerida para que os escoteiros possam andar na água quando necessário. O mais aconselhável é escolher pequenos-almoços e almoços leves e nutritivos e jantares mais abundanciais.



CONSTRUÇÃO DE EMBARCAÇÕES

Torna-se a expedição fluvial bem mais ousada quando são os próprios escoteiros participantes a construir as suas embarcações. Sendo os três tipos mais utilizados o barco, a canoa e a jangada, não vamos aqui falar da construção de canoas e barcos pois requerem técnicas especiais que seria moroso explicar. A experiência dos grupos que têm realizado descidas de rios mostra que o tipo de embarcação mais usado é a jangada, devido a ser de construção simples e económica. Não porque baste unir meia dúzia de troncos com bons nós para termos uma jangada operacional. A experiência mostra que, construir jangadas de troncos com as madeiras que existem maisvulgarmente no nosso País, torna-se num trabalho inglório pois, embora flutuem bem sozinhas, já não se mantêm à superfície quando transportam carga. Isto deve-se, obviamente, ao facto de a maioria das nossas madeiras serem muito pesadas.

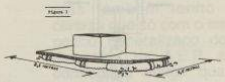
Assim, é bom não confiarmos demasiado naquelas jangadas dos bons velhos tempos que flutuavam apenas graças à madeira, e devemos começar a pensar seriamente em usar flutuadores para as manter à superfície, qualquer que seja o material de que as jangadas são feitas.

Uma jangada deve ser construída com materiais simultaneamente leves e resistentes. As tábuas de pinho ou as placas de madeira prensada (desde que convenientemente reforçadas com tábuas) costumam dar bons dar bons resultados.

Mas, para que a jangada flutue são necessários materiais que a impulsionem para fora de água. Neste campo podemos escolher uma grande variedade de flutuadores com resultados comprovados; desde blocos de esferovite a garrafas de plástico tudo serve para flutuar, mas sem dúvida que os flutuadores mais possantes e resistentes são as câmaras de ar e, especialmente, os contentores plásticos ou metálicos usados para líquidos.

O corpo da jangada fica praticamente completo quando se amarram os flutuadores à placa de madeira. Só falta arranjar lugar para transportar o equipamento. Se este for transportado dentro da jangada, terá que ir o mais resguardado possível da água, numa caixa construída para o efeito.

Na figura 1 vemos o exemplo dum projecto duma jangada que flutua a câmara de ar e tem capacidade para quatro pessoas e respectivo equipamento.



Uma das questões mais importantes que existe no projecto duma jangada é calcularmos a capacidade de flutuação mais acertada para o peso que transportamos. Assim, a primeira coisa a fazer é uma lista muito precisa de todos os pesos a transportar. Eis um exemplo adequado à jangada de quatro pessoas que mencionámos atrás:

LISTA DOS PESOS A TRANSPORTAR

4 escoteiros	260 kg
4 mochilas cheias	90 kg
tenda	7 kg
Materiais diversos de campismo, cozinha e 1.ºs socorros	13 kg
Remos	5 kg
Madeira constituinte da jangada	25 kg
Peso total	400 kg

Deste modo, concluimos portanto que esta jangada terá que suportar um peso de 400 kg, não estando ainda incluido o peso dos flutuadores (que pode ser muito significativo no caso de se tratar de contentores metálicos).

Bom, mas se queremos pôr 400 kg a flutuar não basta que tenhamos flutuadores capazes de impulsionar 400 kg pois, deste modo, toda a jangada e escoteiros viajariam semi-submersos pela água. Para termos uma jangada com flutuação razoável e que não esteja constantemente a meter água necessitamos duma força de impulsão da ordem de uma vez e meia o peso que queremos transportar. Assim, no exemplo apresentado em que queremos uma jangada para 4 pessoas e respectivo equipamento, a força de impulsão da jangada deve ser, pelo menos, de 600 kg. Assim temos que:

FORÇA DE IMPULSÃO DA JANGADA = PESO TOTAL A TRANSPORTAR x 1,5

Bom, sabendo que a força de impulsão que necessitamos para a nossa jangada, como saber quantas garrafas de plástico, ou quantas câmaras de ar ou quantos contentores necessitamos?

Chegou a altura de fazermos o cálculo da força de impulsão dos flutuadores, ou seja, qual o peso que eles conseguem fazer flutuar ao cimo de água.

A força de impulsão duma jangada calcula-se a partir do princípio de impulsão dos líquidos descoberto por Arquimedes que se pode expressar por uma expressão matemática que será desnecessário analisar aqui na forma original. Interessa-nos apenas saber que esta expressão matemática, muito útil para os mais variados problemas de Hidrostática, resolve-se com certa simplicidade e, para o caso de a jangada flutuar em água doce (como costumam ser a água dos rios) vamos obter o seguinte resultado:

FORÇA DE IMPULSÃO DA JANGADA (em kg) = VOLUME TOTAL DOS FLUTUADORES (em litros)

Assim, se queremos uma força de impulsão de 600 kg (capacidade de flutuação da jangada) precisamos de flutuadores com um volume total de 600 litros.

Ou seja, em termos práticos, cada litro do volume dos flutuadores consegue impulsionar 1 kg de carga à superfície da água doce.

Deste modo, considerando o exemplo da jangada para 4 pessoas e respectivo equipamento, vamos ter que transportar 400 kg de carga como já vimos anteriormente. Para a carga flutuar bem acima da superfície precisamos que a jangada tenha uma força de impulsão de 400 x 1,5 = 600 kg. Deste modo, sendo a força de impulsão dos flutuadores de 600 kg estes terão de quer um volume total de 600 litros. Assim, supondo que usávamos contentores de 100 litros cada, necessitaríamos de 6 contentores para pôr esta jangada a flutuar. Na hipótese de usarmos garrafas de plástico de 1,5 litros cada, precisaríamos da quantidade astronómica de 400 garrafas para termos a tal força de impulsão de 600 kg. Os cálculos complicam-se um pouco quando usamos como flutuadores blocos de esferovite ou câmaras de ar, pois já não é tão simples calcular o volume ocupado por uma câmara de ar cheia ou por um bloco de esferovite. Nestes casos deve-se pegar num flutuador do tipo que queremos usar e, mergulhando-o em água doce, colocar-lhe em cima todo o peso que ele conseguir fazer flutuar. Depois desta operação simples, basta calcular quantos flutuadores é que precisamos para totalizar a força de impulsão necessária para a jangada. Assim, supondo que cada câmara de ar cheia consegue impulsionar 38 kg de carga, para impulsionar 600 kg precisaríamos de mais ou menos 16 câmaras de ar iguais.

Resumindo: temos várias possibilidades de fazer flutuar uma jangada com 400 kg. Podemos usar como flutuadores 400 garrafas de litro e meio, 16 câmaras de ar com 38 litros de volume ou 6 contentores de 100 litros.

Resta agora falar dum pormenor importante: para que a jangada flutue com estabilidade os flutuadores o mais equilibradamente possível por toda a superfície da jangada para que esta tenha uma flutuação estável.

VOCABULÁRIO E CONHECIMENTOS ÚTEIS

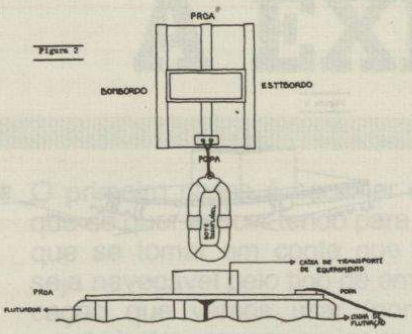
Antes ainda de se partir para a expedição fluvial é importante que os participantes se familiarizem com alguns termos úteis referentes às características dos rios:

- Caudal — quantidade de água em trânsito
- Velocidade da corrente — distância percorrida numa hora por unidade de caudal. **Importante:** a velocidade da corrente diminui quando o rio alarga e aumenta quando o rio estreita.
- Margens — é importante saber situar geograficamente os bordos o rio (N; S; E; W; NW; SW; SE)
- Profundidade — distância que separa a superfície das águas do leito do rio.
- Jusante — direcção em que o rio desagua.
- Montante — direcção em que o rio nasce.

As ordens que orientam a navegação das embarcações tornam-se mais simples usando os nomes básicos das diferentes partes da embarcação, tais como:

- Popa — parte traseira da embarcação.
- Proa — parte dianteira da embarcação
- Bombordo — à esquerda da embarcação
- Estibordo — à direita da embarcação
- Linha de flutuação — linha formada pelo contacto da superfície das águas com os flutuadores da jangada ou com o casco dos barcos.

Estes termos são ilustrados pela figura 2, em que uma jangada reboca um bote insuflável:



A boa execução duma expedição fluvial depende também da consciencialização dos principais perigos para a navegação. Aqui fica a referência aos principais destes perigos:

- Rápidos — zonas a evitar em que a profundidade é baixa e o leito pode ser rochoso e mesmo com rochas que afloram à superficie.
- Baixios — zona em que há possibilidade de encalhar devido à visibilidade ser quase nula porque há elevações arenosas sobre o leito do rio.
- Nevoeiro — perigo de diminuição de visibilidade.
- Chuva — é seguida dum consequente aumento do caudal.
- Ventos contrários à rota — impedem o avanço regular das embarcações.
- Destruição de flutuadores — devem ser imediatamente substituídos para que a linha de flutuação não suba.
- Troncos flutuantes — constituem ameaça de danificação dos flutuadores.
- Margens fortemente arborizadas em que as ramagens pendam para o rio — não aproximar delas em demasia de modo a evitar colisões.
- Linha de flutuação alta — significa que há peso de mais a bordo e existe o perigo de afundamento.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Dado que estamos a falar duma actividade de aventura, esta só poderá ser bem sucedida se foram observadas algumas normas de precaução.

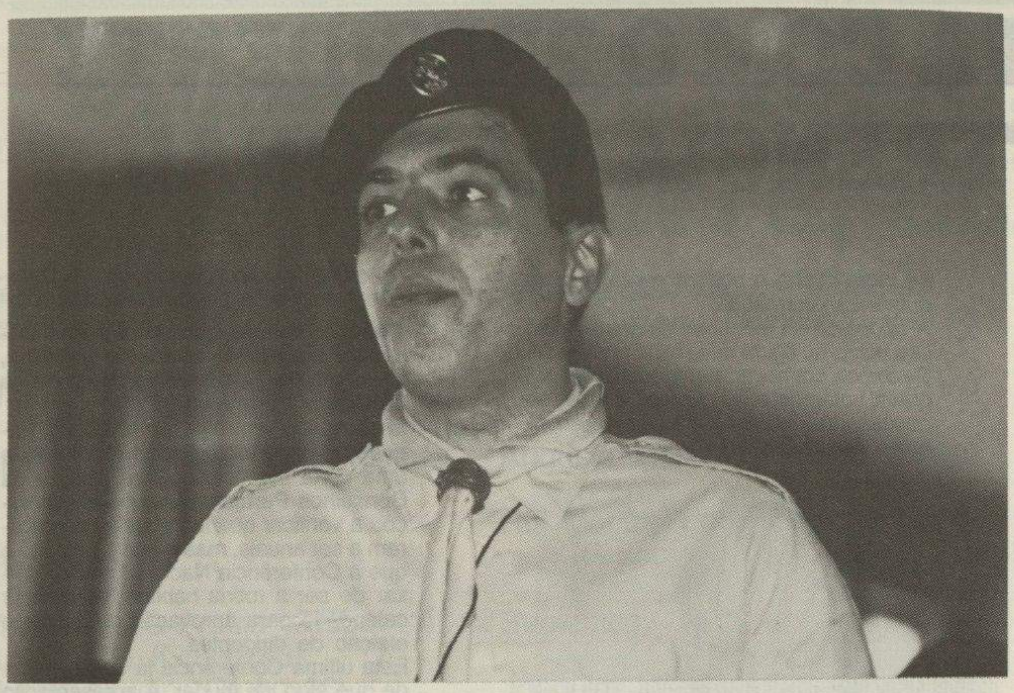
- A indumentária a usar durante a navegação deve incluir obrigatoriamente um calçado apropriado para se molhar e um colete salva-vidas.
- Numa embarcação em andamento nunca saltar pela proa, saltar cautelosamente para estibordo e bombordo, e saltar à vontade e com segurança pela proa.
- Não deixar objectos soltos sobre a embarcação para que não caiam à água. Todos os objectos livres devem ser guardados na caixa para o efeito, sendo apenas os remos e os contentores de água cheios os únicos que podem viajar fora dela.
- Dentro da embarcação o peso da carga e tripulantes deve estar equilibradamente distribuído de modo a que se possa navegar com normalidade.
- As deslocações dentro da embarcação devem ser cuidadosas de modo a que não haja desiquilíbrios.
- A navegação de cada embarcação deve efectuar-se segundo as ordens dum responsável.

OS RIOS ESPERAM POR NÓS

Uma Expedição Fluvial constitui uma experiência inesquecível para os escoteiros que anseiam pela Aventura e vibram com a Exploração.

Em conclusão, apesar de não haver, na actualidade, rios inexplorados na superfície terrestre, continua a ser muito estimulante para nós, escoteiros, explorar pelos nossos próprios meios áreas onde poucos chegaram e onde a Natureza se mantém relativamente intocada. Verifica tu mesmo . . .!

Paulo Marques
Organizador das I e II Exedições de Descida do rio Tejo pelo Grupo 23 de Queluz



« Com mangas arregaçadas lavremos os duros torrões do desenvolvimento da A.E.P.»

E.C. VICTOR SANTOS

ESCOTEIRO-CHEFE NACIONAL ELEITO:

«A minha equipe serão as Regiões»

S.P. — **Duma maneira geral que factos, pensas tu, contribuiram para a tua eleição para o próximo mandato de três anos?**

V.S. — O objectivo da regionalização responsabilizada, a par do projecto de espírito de lista, foram sem dúvida os factos mais relevantes, e de certo este último a grande inovação para a AEP.

S.P. — **Quais são os projectos fundamentais em que vais assentar a tua actuação nos próximos três anos?**

V.S. — No meu projecto de candidatura defini, quais são, para mim, os pontos mais importantes de actuação, que se baseiam na unidade associativa, formação, Pnec, actividades e investimentos. Penso que há muito a fazer em qualquer dos pontos anteriores, mas também tenho a certeza que só com o empenho generalizado dos dirigentes da A.E.P. se conseguirá atingir qualquer dos objectivos.

S.P. — **Um dos pontos que aqui foi focado na conferência, foi a questão da forma como tu irás desenvolver o teu trabalho. Queres explicar aqui, numa forma geral, como é que o vais realizar?**

V.S. — Não se conseguirá progredir se não existir diálogo, esse vai pois ser um dos pontos a desenvolver mais activamente. Creio que existem alguns dirigentes válidos e ávidos de colaborarem em grandes projectos, irei escutá-los e influenciá-los com os meus pontos de vista, e assim lançarmos propostas que sejam da maior utilidade para a A.E.P.

S.P. — **Tu à partida não avançaste aqui com uma equipa da chefia Nacional! Porquê?**

V.S. — As minhas grandes equipas são as regiões. Essas é que alimentam os sucessos ou insucessos da Associação. No meu ponto de vista a expansão e a formação até determinado nível são, ou melhor, deverão passar a ser das regiões. Quanto às actividades vejo da melhor utilidade, em substituição do escoteiro Chefe Nacional Adjunto para as actividades, a nomeação de equipas específicas para cada uma das actividades a desenvolver.

S.P. — **De uma forma geral e muito sucinta, qual é tua leitura da forma como decorreu aqui os trabalhos desta conferência?**

V.S. — De uma forma geral, não surgiram problemas de maior. Foi bom que no período de eleição houvesse a possibilidade de intervenção dos candidatos e representantes dos Grupos. Mas acho expressamente urgente transformar a Conferência Nacional num local de grandes decisões para o movimento em detrimento do lavar de roupa suja.

S.P. — **Victor se te pedisse para fazeres uma frase como emblema, para os próximos três anos, sobre o desenvolvimento da tua acção na chefia nacional! Que frase darias?**

V.S. — Com mangas arregaçadas lavremos os duros torrões do desenvolvimento da A.E.P.

S.P. — **Muito obrigado e Boa Caça!**

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA NACIONAL

SP — **Que factores concorreram para a sua eleição?**

DM — Os votos recolhidos, o programa que apresentei, as provas dadas anteriormente e a vontade indomável de alguns dirigentes.

É verdade! A vontade de alguns dirigentes! Não tinha ideia nenhuma de concorrer a tão altas funções. Porém, fui sondado por alguns Chefes que quiseram depositar em mim a sua confiança para o desempenho deste cargo. A partir de certa altura, comecei a sentir que se gerava à minha volta um maior e forte apoio à ideia e alguns chefes mais secundaram-na. Alguns Grupos, mesmo fora de Lisboa e diversas Regiões, fizeram chegar até mim o seu entusiasmo pela minha candidatura. Não podia ficar indiferente a este movimento, pelo que decidi aceitar, na realidade, não foram vãs as palavras dos que me procuraram convencer. A eleição por 88% dos votos quererá dizer, por si só, algo de significativo.

Devo ainda realçar que foi reconfortante ouvir as palavras que se me referiram, até na própria Conferência, incluindo as da Fraternal dos Antigos Escoteiros, pelas quais estou muito reconhecido.

Também foi factor importante a circunstância de se proporcionarem condições excelentes de trabalho aos restantes candidatos a Presidente da Direcção Nacional e Escoteiro-Chefe Nacional, os quais se encontravam absolutamente entrosados num perfeito espírito de equipa, pelo que decidi continuar a apoiá-los, agora com a minha candidatura.

SP — **Qual a sua visão rápida da forma como decorreu a Conferência?**

DM — Acho que decorreu de forma bastante participada, com os dirigentes escotistas a levantarem e debaterem problemas de fundo; contudo, quero fazer um reparo para o grande número de ausências. Temos de procurar interessar todos os dirigentes a comparecer e a participar na sua Conferência.

Quero fazer realçar ainda, como nota muito interessante, o facto dos dirigentes se terem interessado pelos programas apresentados pelos candidatos a dirigentes nacionais, inquirindo-os sobre as suas ideias e projectos para o futuro desempenho das suas funções, promovendo o debate entre os mesmos.

A isto não se assistia há muitos anos!

SP — **Quais os objectivos a atingir com a sua candidatura?**

DM — Os objectivos a atingir estão bem definidos no programa de trabalho que apresentei na minha candidatura; porque não é muito extenso, penso que poderão transcrevê-lo, para resposta a esta pergunta e conhecimento de todos.

De qualquer modo, posso dizer, de forma genérica, que pretendo transformar a Conferência Nacional de Dirigentes num órgão mais dinâmico e interessado na análise e solução dos problemas que afectam a nossa Associação.

Num pequeno parêntesis, posso dizer que a apresentação de programas pelos candidatos a dirigentes nacionais partiu de ideia minha e poderá ser já o início duma transformação.

A época de se elegerem dirigentes pelo seu nome ou figura deve estar terminada. Devemos conhecer atempadamente em quem votamos e no que votamos e, se necessário, debater ideias, como aconteceu nesta Conferência.



SP — **Quais os problemas que irá atacar a curto prazo?**

DM — Para já e não sendo de importância vital, porque não considero ser necessário para que se faça Escotismo, vou atacar imediatamente o problema dos Estatutos e Regulamento, porque também entendo ser altura de normalizar a vida associativa.

Aliás, isto tem sido o anseio dos Dirigentes em geral, o que se constatou na Conferência.

Na verdade, os actuais Regulamentos, com as constantes alterações que lhe têm sido introduzidas, muitas vezes sem que se procure entrosar as mesmas, não é mais do que uma manta de retalhos e não servem convenientemente.

Vou reunir com o grupo de trabalho votado na Conferência e vou procurar fazer algo, em profundidade, com a participação de todos os dirigentes, a nível nacional.

Temos de conseguir um consenso final, para que se criem Estatutos e Regulamentos com bases firmes, que sirvam a A.E.P. de forma consistente e duradoira.

Outros problemas existem que exigem acção imediata mas teremos de confrontá-los em acção conjunta com a Direcção Nacional e Chefia Nacional.

SP — **Quais as formas que prevê para ultrapassar uma certa apatia de trabalho, ao nível da Conferência Nacional e Conselho Permanente?**

DM — Essa apatia tem algo a ver com a frequência das Conferências Nacionais e uma certa indefinição entre estas e os Conselhos Permanentes que se começou a verificar quando aquelas começaram a ser anuais, mas o que é verdade é que a Conferência Nacional tem de deixar de ser a rotina habitual de cumprir calendário para aprovação de contas e eleição de dirigentes.

Esta última Conferência já deu mostras de que algo vai mudar. A apresentação de programas de trabalho pelos candidatos a funções nacionais já fomentou diálogo, debates de ideias, inquéritos ou simples pedidos de esclarecimento sobre diversos temas latentes. Mas haverá mais para fazer. Por exemplo, penso que possam ser nomeados em Conselho Permanente, grupos de trabalho para estudo de problemas que afectem a nossa Associação ou o Escotismo em geral ou, simplesmente, estudo de técnicas para modernização dos nossos métodos de trabalho, para apresentação de teses que promovam o debate e proporcionem a apresentação final de conclusões ou recomendações por parte da Conferência.

Convém lembrar que, afinal de contas, compete a Conferência estabelecer a orientação geral da A.E.P. e apreciar os grandes problemas que a afectam, o que não tem sido feito. Porquê?

A diversificação do local das reuniões e a preparação adequada das mesmas, talvez sejam outros aspectos que ajudem a motivar o interesse pelas Conferências e Conselhos Permanentes.

SP — **Qual o futuro do Escotismo da A.E.P., junto da sociedade portuguesa?**

DM — Ora aí está um tema que pode e deve servir para debate numa Conferência. Posso dizer muito resumidamente, já que não têm muito mais espaço no nosso jornal, que o escotismo deve continuar completando o trabalho da Escola e a formação cívica da Juventude, proporcionando a esta uma vida sã, fora do convívio do que lhe é pernicioso, procurando dar aos rapazes e raparigas, em ambiente salutar, aquilo que mais os atrai.

O escotismo devia, ainda, ter um papel preponderante na representação da Juventude, criando o meio ambiente favorável à integração, por exemplo, dos considerados incorrigíveis ou dos deficientes, de forma a que todos se tornassem úteis à sociedade.

Mas, (há sempre um mas) este assunto é muito complexo e implica a solução prévia de outros problemas que nos afectam como, por exemplo, a disponibilidade de quadros, a formação de educadores, a implementação de estruturas regionais e nacionais, as quais passam por um outro muito importante: a falta de meios financeiros.

DELEGADOS AO CONSELHO PERMANENTE, ELEITOS:

Pela Região de Lisboa:
José Carlos Marquês Gomes (Grupo 1)
Manuel Júlio Cardoso dos Santos (Grupo 2)
Alberto da Graça Lopes Miguéis (Grupo 9)

Suplentes:

Manuel José Araújo (Grupo 11)
Rui Cunha (Grupo 83)
Nurala Nurdin (Grupo 36)

Pela Região do Porto:
Domingos José de Oliveira Figueiredo (Grupo 4)
José Maria Fernandes Marta (Grupo 43)

Suplente:

Alfredo José Guedes de Carvalho

Pela Região da Estremadura:
Carlos Alberto Namorado (Grupo 128)
Luís Filipe Flores Alves Catarino (Grupo 48)
Augusto Marreiros Duarte (Grupo 122)
Rui Manuel Fragoso Vieira Lopes (Grupo 23)

Suplentes:

Joaquim José Marques (Grupo 93)
José Brás Rodrigues (Grupo 112)
Afonso José Custódio (Grupo 82)
Jorge Manuel Brandão Pimenta (Grupo 131)

Pela Região de Faro:
Manuel Higino Santos (Grupo 6)

Suplente:
Luís Carlos Bonança (Grupo 59)

Pela Região de Santarém:
António Manuel Loureiro dos Santos (Grupo 84)

Suplente:

José Manuel Rocha Coelho (Grupo 81)

Pela Região de Setúbal:
João Carlos Guimarães Assunção (Grupo 123)

Suplente:

Nilufa Tajdin (Grupo 125)

Pela Região de Coimbra:
José Santos Silva (Grupo 10)

Suplente:

João Carlos Martins Palaio (Grupo 30)

Os delegados ao Conselho Permanente agora eleitos, ficam em exercício durante 3 anos, conforme ficou aprovado pela Conferência Nacional.

CONFERÊNCIA NACIONAL FOI NOTÍCIA

Os trabalhos da XXI Conferência nacional de Dirigentes foram amplamente divulgados pela comunicação social, com especial relevância para a imprensa escrita da capital. Tal como os debates da Conferência apontaram, mais do que impôr correcções sobre a Associação dos Escoteiros de Portugal, é necessário e vital que a AEP invista na divulgação da sua própria imagem. Aliás, esse tem sido o espírito da redacção do Jornal «Sempre Pronto».

Este trabalho para se mostrar útil é necessário que se estenda às Regiões e aos grupos de escoteiros. Deveremos evoluir, para que sucedam contactos regulares com a imprensa escrita e falada. Neste campo, são já conhecidos exemplos de grupos de escoteiros que semanalmente levam para o ar programas radiofónicos em rádios locais, divulgando assim regionalmente o escotismo da AEP.



Oito mil escoteiros estão representados na reunião ontem iniciada na FIL

Conferência Nacional em Lisboa

Dirigentes dos escotei
debatem plano de ac



Durante dois dias, os escoteiros abordaram os seus um espectáculo de mú

Associação contra discrim
Escote

Reunidos em conferência

Escuteiros preocupa
com degradação do am

Dirigentes da Associação dos Escuteiros de Portugal (AEP) reunidos ontem em Lisboa manifestaram preocupação gradação do biente» e com ram-se a motiv vens na defesa d dade de vida das lações.

Uma moção aprova maioria durante os traba vigésima primeira Conf Nacional de Dirigentes da que ontem terminaram na

Escuteiros reuniram-se em Conferência Nacional

No próximo fim-de-semana

DIRIGENTES DOS ESCUTEIROS VÃO REUNIR-SE EM CONFERÊNCIA

Um escuteiro de 56 anos

AÇORES

GRUPO 121
APOSTA
NA POUPANÇA

O nosso Grupo 121 da Calheta de S. Jorge reuniu esforços com o agrupamento do C.N.E. de Belas (na mesma ilha do arquipélago açoreano) para realizarem conjuntamente uma exposição de trabalhos no Dia Mundial da Poupança, 31 de Outubro de 1986. A exposição esteve patente no salão dos Bombeiros Voluntários de Belas e contou com o patrocínio das agências da Caixa Geral de Depósitos em Belas e na Calheta.

Esta mostra constou de colagens, desenhos e pinturas elaborados pelas divisões e teve como objectivo principal alertar a Juventude para a Poupança.

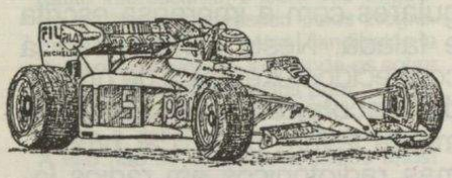
LISBOA

1.º
GRANDE PRÉMIO
DE ODIVELAS

Com o apoio da Junta de Freguesia de Odivelas, as unidades da AEP e do CNE implementadas nesta vila vão organizar o 1.º Grande Prémio de Odivelas em carros de madeira a levar a cabo no próximo dia 26 de Abril.

Esta actividade destina-se a exploradores júniores e séniores que nela poderão participar com um máximo de 2 carros por grupo, carros esses que devem ser montados, conduzidos e reparados pelos próprios escoteiros que constituirão equipas de três elementos por cada carro (um condutor e dois mecânicos).

EM CARROS DE MADEIRA



Organização dos Escoteiros de Odivelas

Neste Grande Prémio serão disputadas provas de velocidade, gincana e elegância e todos os grupos interessados em participar deverão solicitar o boletim de inscrição aos escoteiros e escutas de Odivelas, boletim esse que deverá ser remetido à organização até à última quarta-feira de Março.

ESTREMADURA



■ *Aspecto da cerimónia de Compromissos*

23 DE QUELUZ EM FESTA

O Grupo 23 de Queluz realizou o seu 19.º aniversário no Dia do Pensamento, tendo a comemorações se desenrolado durante o período da tarde, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários daquela vila.

Para além do Escoteiro-Chefe Nacional Vítor Santos e da redacção do «Sempre Pronto», mais de duzentos escoteiros oriundos da Região da Estremadura e limítrofes estiveram presentes, constituindo em conjunto uma grande família escotista em festa.

A seguir aos Compromissos de Honra, passagens entre divisões e investiduras de caminheiros e dirigentes, realizou-se um espaço de convívio durante o qual os grupos apresentaram números de animação e se entoaram diversos cantares escotistas com o calor humano bem típico dos escoteiros.

Durante o lanche oferecido aos convidados, estes puderam observar uma mostra de diapositivos e recortes de jornais alusivos às actividades de montanhismo, espeleologia, sobrevivência e expedições fluviais realizadas pelo Clã do Grupo 23.

As comemorações deste 19.º aniversário terminaram com a projecção de dois diaporamas: o primeiro, dedicado à divisão onde se vive um ambiente particularmente mágico — a Alcateia; o segundo foi dedicado às expedições fluviais escotistas já realizadas pelo Grupo 23, com especial realce para a expedição «100 Kilómetros de Sobrevivência no Tejo».

Foi deste modo que se comemorou o nascimento do 23 de Queluz a 22 de fevereiro de 1968. Os anos vão passando e o Grupo 23 vai crescendo da infância à adolescência, a caminho da fase adulta!

GRUPO 48 EDITA JORNAL

Correspondendo ao nosso desejo de apreciar e divulgar os jornais publicados pelos nossos grupos, recebemos na redacção do «Sempre Pronto» uma publicação de oito páginas em formato A4 denominada «O QUARENTA E OITO DA DAMAIA».

O jornal tem um artigo dedicado a cada divisão do grupo, e algumas páginas dedicadas à cultura, desporto, *hobbys*, história do Escotismo, natureza e também algumas notícias referentes ao grupo. Neste último capítulo nota-se um facto inédito, pois se é comum o «Sempre Pronto» publicar notícias dos grupos, já não é muito vulgar os grupos publicarem notícias do «Sempre Pronto». Este é o caso da notícia «AEP em missão de televisão» que foi retirada do nosso número de Agosto/86 para publicação no «O QUARENTA E OITO DA DAMAIA» no seu n.º 1, em Dezembro de 86. Pareceu-nos uma ideia positiva mas relembramos os jornais das nossas unidades escotistas que toda a transcrição parcial ou total de textos deve ser seguida da menção à fonte donde proveio o texto.

Quanto à nossa apreciação do jornal parece-nos estar bem ilustrado e a ideia de dividir os temas e textos por colunas está muito bem conseguida.

Merecem também especial referência os artigos sobre a natureza que evidenciam uma genuína preocupação dos escoteiros do grupo 48 com o ambiente e a extinção de algumas espécies selvagens.

Para terminar, aqui vos deixamos uma pequena parte do artigo «A violência sobre os animais» assinado pelo escoteiro José Carlos Lucas, da patrulha Puma:

«Muitos seres humanos julgam a caça como um desporto, mas matar por prazer é desumano. (...) Muita gente pensa que enquanto viver não terá o problema da extinção de todos os seres vivos, mas as crianças que estão por nascer têm o direito de pedir um MUNDO MELHOR QUE O DE HOJE».

CERIMÓNIAS NO QUADRO 122

O fim-de-semana de 21 e 22 de Fevereiro foi fértil em cerimonial escotista nas hostes do Grupo 122 de Mira-Sintra. Esta unidade escoteira que, apesar de jovem, conta já com uma centena de elementos no seu efectivo, primou mais uma vez pela imaginação, alegria e organização que tornam aliciantes as suas actividades.

Tudo começou ao cair do crepúsculo do dia 21, em que as estrelas vieram saudar os aspirantes que, empunhando archotes junto ao rio, faziam a sua Velada de Armas meditando sobre a Oração Escoteira.

No dia seguinte, após a missa matinal, deram-se os Compromissos de Honra e as passagens entre as diferentes divisões do Grupo.



■ *A natureza foi o local escolhido para compromisso no 122 de Mira Sintra*

Todas as divisões deste grupo parecem viver actualmente um momento bastante positivo. Na Alcateia vive-se um ambiente particularmente mágico, ambiente esse criado pelo jovem-mais-idoso dirigente de Alcateia da AEP, EC Rogério Castro, que, através da sua actuação, constitui um exemplo bem vivo de dedicação aos lobitos do saber, da experiência e da ternura que vão transformar as crianças de Hoje nos verdadeiros homens de Amanhã.

No que respeita à divisão Tribo, com uma chefia inexcedível em dinamismo e animação, a divisão mostra um grande espírito de unidade e tem um grande número de patrulhas maioritariamente bastante activas.

No que respeita ao Clã, este constitui o novo desafio do Grupo, uma vez que é a primeira vez que o 122 de Mira-Sintra organiza esta divisão que é agora constituída pelos escoteiros que, neste Dia do Pensamento, deixaram a tribo sénior por terem atingido o limite de idade.

Costuma-se dizer que os grupos mais jovens são uma esperança para o futuro. No caso do 122 de Mira-Sintra pode-se dizer bem mais do que isso... Seguramente que são uma realidade bem viva do presente!

ESCOTISMO... NATURALMENTE

Preocupados com a constante degradação do meio ambiente, a Associação dos Escoteiros de Portugal, reunida em XXI Conferência Nacional manifesta-se solidária com o Ano Europeu do Ambiente.

É com esta preocupação que os dirigentes escoteiros, comprometem-se a mobilizar os jovens em torno da protecção ao meio ambiente, visando a melhoria da qualidade de vida das populações.

Aprovado por unanimidade

